



PARA QUÊ, OU AS GAIOLAS DOURADAS

Segundo um conto chinês, uma rã, que morava num poço abandonado, só podia movimentar-se no limitadíssimo espaço que era o fundo do poço e, conseqüentemente, o que via não passava de um pequeno pedaço do céu. Nada conhecia lá fora, e nada sabia sobre a existência de um imenso mundo.

Certa vez, uma tartaruga do mar apareceu à beira do poço, e a rã, lá do fundo, apressou-se a vangloriar-se:

- Vê, amiga tartaruga, que linda e confortável residência é a minha! Aqui, eu salto livremente e descanso num buraco da parede do poço quando me apetece. Se quero nadar, a água cobre-me as pernas e chega-me ao queixo. Passeios? Passear aqui nesta terra pantanosa é uma verdadeira delícia! Garanto que tu, minha amiga tartaruga, nunca tiveste uma vida tão feliz como esta! Vem, vem ver o meu paraíso!

Levada pela curiosidade, a tartaruga do mar deu um passo em frente e, mal viu o "paraíso" da rã, recuou, dizendo:

- Sabes uma coisa, minha amiga rã? O mar é tão imenso que tem milhares e milhares de quilómetros de extensão, e milhares e milhares de braças de profundidade... Dez anos de inundações consecutivas não conseguiriam aumentar nem um centímetro o nível das suas águas, e dez anos consecutivos de seca não lograriam baixá-lo. Ali sim, é vida!

A essência do trabalho, nas Artes Marciais, está para além delas e aí todas as formas, todas as Escolas, sejam Dô seja Jutsu reencontram-se no momento em que apresentam o seu "verdadeiro trabalho", pois aquilo que as une é o homem e ele é genericamente igual, a sua busca comum – o transcendente.

A forma de trabalho que permite a "elevação" do homem a um patamar de estar e de Ser, que o permite transcender o ilusório da vida, é algo que qualquer professor, de acordo com o estado de "evolução" de cada aluno, deve ter sempre presente, senão caímos no risco de estar a criar "animais" amestrados e habilidosos que vivem num estado de "inconsciência", "dormência", "apatia incapacitante" em que a maioria das pessoas vive hoje, e que forças sociais poderosas alimentam para se perpetuarem. O homem tem a obrigação de ser livre e se a liberdade não começa no íntimo de si mesmo, abrindo os seus olhos para a realidade que ultrapassa a boca do poço, que limita a sua compreensão da verdadeira dimensão da vida, do infinito, da matéria, do espiritual, de si mesmo, então cairá no risco de viver "feliz" numa escravidão de que não se apercebe, dos seus contornos e da sua verdadeira dimensão, tal como a galinha que no aviário satisfaz a sua fome, em segurança aguardando por algo que ela nem suspeita.

O trabalho de despertar o aluno dos estados de consciência alterados que a sociedade e os nossos sentidos produzem, abrindo os olhos para a Realidade, longe da escravidão das emoções e dos sentidos mal conduzidos que nos conduzem a cada momento do dia, é um processo muito complexo, individual e que não está garantido a não ser que o aluno, em si mesmo deseje isso, mesmo que não esteja totalmente consciente dessa vontade. É este o verdadeiro papel do pedagogo nas Artes Marciais, apontar um caminho duro, tremendamente duro, que em alguns casos produz sensações de solidão, de um desconforto constante, quase próprio daquilo que ele julga loucura, e que no entanto é



exactamente o seu oposto, uma consciência lúcida e tranquila quando reconhecemos a sua verdadeira dimensão. É um lutar contra a maré de uma vida social castradora, imbecilizante, cheia de estímulos “atractivos”, seduções que conduzem a uma vida de pretensa felicidade mas mais não são que grilhetas douradas. Dinheiro, poder, sexo tudo termina um dia e nada se compara ao amor, à liberdade e ao desprendimento que nos permitem caminhar ligeiros e com clareza em direcção ao nosso maior destino.

O estudo do Haragei abre portas mas é o aluno que tem de ter a coragem para as atravessar, como se uma caminha iniciático se tratasse (e não será?), onde à semelhança de tantas outras manifestações o neófito deverá esquecer-se de si, morrer para renascer e assim vencer a verdadeira morte.

Lisboa, 27 de Maio de 2014